

O EXERCÍCIO DA LÍNGUA E O OUTRO¹

THE EXERCISE OF THE LANGUAGE AND THE OTHER

Giovani T. Kurz²

Desde sua publicação em 2018, *O sol na cabeça*, livro de contos de Geovani Martins, tem sido recebido — lido e discutido — sob uma lente quase unânime. Sua linguagem oralizada e sua temática frequentemente ligada à experiência da periferia do Rio de Janeiro têm conduzido a crítica a perceber Martins como um etnógrafo da cidade — como, aliás, é recorrente com escritores cuja ficção se choca com um determinado cânone contemporâneo e, dando protagonismo a figuras em geral marginalizadas, são, eles próprios, lidos como produtores de uma literatura “marginal”, documental, autobiográfica. Entre as leituras sistematizadas até aqui, fala-se em “representação da favela”³, “resistência”⁴, “masculinidade”⁵ e discute-se a formação de intelectuais nas periferias⁶, mas não há qualquer menção aos

¹ Resenha de MARTINS, Geovani. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

² Mestrando, PPGL/UFPR.

³ Cf. BOTTON, André Natã Mello. “A representação da favela nos contos de *O sol na cabeça*, de Geovani Martins”. *Anais do Congresso Internacional da Abralic 2018*, Uberlândia-MG, p. 3896-3909, jul./ago. 2018.

⁴ Cf. ROCHA, Ana Angelita da. “Corpo-território como argumento curricular de resistência”. *Revista Teias*, v. 20, n. 59, p. 56-71, 20 dez. 2019.

⁵ Cf. CADILHE, Alexandre José. “Uma conversa de homem pra homem, ele disse’: performances de masculinidades em narrativas cariocas ficcionais”. *Revell*, Campo Grande-MS, v. 2, n. 19, p. 37-59, ago. 2018.

⁶ Cf. EUGÊNIO, Felipe. “Territorialização de intelectuais: a formação (e a “combustão”) de escritores nas periferias de centros urbanos”. *Anais do VI Congresso em Desenvolvimento Social*, Montes Claros-MG, p. 921-931, ago. 2018.

mecanismos de engendramento ficcional, às escolhas linguísticas e, portanto, de maneira mais ampla, ao projeto literário do autor — André Botton, por exemplo, sublinha que “os contos de Geovani Martins possibilitam justamente a mudança ou a aproximação de olhar em relação à periferia do Rio de Janeiro” (BOTTON, 2018, p. 3897), e estende a possibilidade de leitura à figura empírica do autor:

O autor vem da mesma realidade daquele jovem do Alemão, ou seja, transita por esses espaços e vivenciou muitas das histórias que ficcionaliza em seu texto. Ao longo dos treze contos, os narradores e as personagens circulam por entre as favelas, pela cidade do Rio de Janeiro e em um dos contos passam a virada do ano em Arraial do Cabo. (BOTTON, loc. cit.).

Na sequência, em uma das menções à estrutura narrativa do livro, Botton afirma que

O sol na cabeça muda a posição entre centro e margem, asfalto e favela, agora a margem é o centro. Isso fica comprovado na estrutura das narrativas, uma vez que de forma muito direta as personagens periféricas se colocam no centro de suas ações, bem como os narradores dos contos. (BOTTON, loc. cit.).

Apenas a partir destes dois trechos, dos quais parte a análise do crítico, é possível depreender uma leitura mediada essencialmente pelo lócus enunciativo do escritor Geovani Martins — mesmo a percepção de uma “mudança de posição entre centro e margem”, apontada por Botton, deriva basicamente da inclusão de Martins na economia narrativa, uma vez que André Botton não se aprofunda nos mecanismos narrativos mobilizados para tal mudança de posição, mas se estende ao biografar o autor de *O sol na cabeça*. Especialmente a partir da relação entre os narradores e o espaço (narrativo e empírico), a análise do crítico se estrutura em torno da ideia de “margem colocada no centro”.

Alexandre Cadilhe, por sua vez, parte de Martins para

construir uma reflexão sobre como dois contos da obra *O Sol na Cabeça* produzem sentidos sobre uma configuração de práticas que engendram tensões entre uma masculinidade viril, violenta e tóxica — algumas as quais pude vivenciar, ainda que em medidas diferentes, durante minha infância no Rio de Janeiro — e outras, como uma masculinidade sensibilizada pelas relações familiares, especialmente pai-filho. (CADILHE, 2018, p. 42).

Sua leitura dos contos é mediada por autores como Judith Butler, Michel Foucault, Félix Guattari e Deborah Cameron, mas sua bibliografia não apresenta sequer uma obra de teoria literária. Desse modo, outra vez a leitura dos contos marginaliza a mobilização de elementos narrativos.

Há ainda Ana Angelita da Rocha (2019), que incorpora trechos de *O sol na cabeça* em sua articulação de geografias feministas, retomando o conceito de “corpo-território” como possibilidade de constituição de um “currículo de resistência”. Nessa direção, a literatura de Geovani Martins ainda outra vez se desloca da discussão sobre literatura para habitar outros campos do conhecimento — o que jamais seria um problema desde que sua construção ficcional não fosse negligenciada recorrentemente.

Mesmo Antonio Prata, na orelha do livro, insiste que a “inspiração autobiográfica é clara, e a força dos contos é inseparável do lugar de onde o autor vê o mundo”, ainda que compreenda que “Geovani Martins é um escritor, ponto” (PRATA, 2018, sem paginação). Reduz-se, assim, de imediato, a construção ficcional à experiência empírica do escritor, que acaba despido do exercício essencial de mediação que o texto literário poderia proporcionar. Ainda: a questão da marginalidade, aqui, beira o paradoxo, uma vez que o livro circula com o selo da maior editora do país — a Companhia das Letras — e já na capa dá ao autor o rótulo de “novo fenômeno literário brasileiro”, “vendido para 8 países”. Se essas são as margens, torna-se tarefa complexa encontrar o centro.

O sol na cabeça é composto por 13 contos, que variam em linguagem, extensão, temática e estrutura. É possível agrupar os contos em três grandes eixos: 1) experiências linguísticas mais radicais — casos de “Rolézim”, “A história do Periquito e do Macaco”, “O rabisco”, “Travessia” —, 2) enredos construídos sobre certo suspense — “Espiral”, “Roleta-russa”, “Estação Padre Miguel”, “A viagem” — e 3) em busca de um lirismo universalizante — “O caso da borboleta”, “Primeiro dia”, “O cego”. Há, claro, entrecruzamentos nos contos, havendo tensão naqueles cujo centro reside na experiência linguística, e havendo certo lirismo nos contos estruturados em torno do conflito; a questão, contudo, é perceber que tais modos de construção se afastam da experiência antropológica do Rio de Janeiro em direção a, quase ao avesso, uma torção da linguagem literária mais convencional. O conto de abertura, “Rolézim”, se aproxima de uma *ars poetica* ao dispensar o enredo e dar protagonismo à dicção narrativa. Nesse sentido, a saga dos adolescentes da favela e seu conflito com os PMs fluminenses atua como suporte para uma voz oralizada, dissonante em nossa literatura, que faz questão de carregar nela própria essa fratura social tão presente no país — “Não dava nem pra ver as infiltração na sala, tava tudo seco. Só ficou as mancha: a santa, a pistola e o dinossauro. Já tava dado que o dia ia ser daqueles que tu anda na rua e vê o céu todo embaçado, tudo se mexendo que nem alucinação” (MARTINS, 2018, p. 09); “Eu e os menó rimo pra caralho da cara deles. Os comédia meteu o pé, levando só a canga. Depois fiquei pensando nos menózim que saíram no pinote” (p. 15). E é justamente quando há uma crítica social mais explícita — “esses polícia é tudo covarde mermo” (p. 12) — que a verossimilhança se abala, uma vez que a língua é, por si só, atestado da distância incontornável entre diferentes experiências de Brasil, e a explicitação dessa distância acaba redundante.

Um conto como “Espiral”, se não centrado no exercício da língua, parte do lugar de um narrador que não compreende sua marginalização para sobrepor duas experiências muito afastadas de estar-no-mundo — “O que pouco se fala é que,

diferente das outras favelas, o abismo que marca a fronteira entre o morro e o asfalto na Zona Sul é muito mais profundo” (MARTINS, 2018, p. 18). E esse protagonista, conforme compreende a distância, compreende também a violência de ultrapassá-la, seguindo diariamente um homem que lança olhares desesperados em sua direção toda vez que percebe sua presença. A fratura social se supera e se acentua simultaneamente por meio do confronto, quando o homem da janela de seu apartamento e o narrador o encarando da rua ficam ambos, pela primeira vez, frente a frente.

Como recurso recorrente há ainda o discurso indireto livre — “O caso da borboleta” é emblemático nesse sentido —, capturando a ingenuidade, a fúria e o medo dos protagonistas quando a narrativa se dá em terceira pessoa. “O caso da borboleta” e “Primeiro dia” são ambos construídos essencialmente sobre essa dinâmica da ingenuidade. No primeiro caso, o encantamento conhecido de uma criança diante da borboleta — sua transformação, sua beleza, seu fim —; no segundo, o ir à escola como receio e fascinação, mapeando o funcionamento do colégio. Ambos os contos, aqui, passam muito longe de exigir qualquer envolvimento empírico do escritor, tal como sugerem Antonio Prata e outras leituras críticas sobre a obra. E mesmo as experiências da favela, da droga e da violência, em contos como “A história do Periquito e do Macaco” ou “Estação Padre Miguel”, podem ser lidas de maneira perfeitamente autônoma, distanciadas daquela vivida por Geovani Martins. O ficcionista trabalha com outro protagonismo e outra cenografia⁷, que podem causar estranhamento ao leitor habituado ao mais convencional. Chama a atenção, inclusive, como os enredos situados na periferia e protagonizados por adolescentes marginalizados podem facilmente remeter aos referenciais biográficos do escritor; deve-se ter com clareza, contudo, que Martins não narra a *sua* experiência, mas uma

⁷ Cf. MAINGUENEAU, Dominique. “A cenografia”. In _____. *O contexto da obra literária*. Trad. Mariana Appenzeller. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 121-136.

outra experiência — e que, num país em que metade da população vive com até R\$443 por mês⁸, essa seria efetivamente a vivência universal.

Ao explorar o fascínio pela violência em “Roleta-russa”, numa aproximação quase erótica de um adolescente e o revólver do pai, ou a grande mistura de religiões a que a população se apega, numa fé disforme e oportunista, em “O mistério da vila”, Geovani Martins abre em sua literatura espaço para outro tipo de experiência, mediada por uma linguagem que responde com precisão às próprias personagens. A experiência do contexto se mistura com o enredo, por exemplo, num conto como “O rabisco”, em que um pichador atormentado pelo nascimento de sua filha se divide entre abandonar a vida marginal e entregar-se a seu “destino”:

Não era nada parecido com um filme revelando a vida antes da morte, como dizem. E sim uma memória viva, desordenada, indo e voltando o tempo inteiro, pulsando em colapso pela total incerteza, batendo com a mesma força e velocidade do coração. Era uma dor, um medo, um ódio da vida, tudo junto, misturado com o prédio, os tiros, o filho, a mulher gritando, aquela gente toda lá embaixo.

Dessa vez a adrenalina jogava contra. Gritava o mesmo mantra de sempre, de que a vida é uma só, mas tinha o efeito contrário. Ao invés de alimentar a coragem, sufocava. Como sempre sufoca o corpo que é dominado pelo medo. (MARTINS, 2018, p. 55).

A economia da literatura de Geovani Martins é outra. Suas balizas de construção ficcional são outras, assim como seus personagens e seu exercício da língua. Mas outros em relação a quê? Afirmar que a experiência dos personagens nos contos se cola à sua própria é desconsiderar, nesse sentido, essa outra cenografia que o escritor mobiliza. Os parâmetros de leitura derivam sempre das convenções, que Martins subverte — evidentemente, o escritor também atua sobre convenções, ainda que, no seu caso, sejam outras e se choquem com uma certa ideologia corrente na produção

⁸ MENDONÇA, Heloísa. “Viver com 413 reais ao mês, a realidade de metade do Brasil”. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/30/economia/1572454880_959970.html>. 04 nov. 2019.

literária contemporânea. É ingênuo esperar de *O sol na cabeça* o que se encontra em Daniel Galera, em Bernardo Carvalho, em Cristóvão Tezza. A origem do ímpeto ficcional é outra: busca-se a fratura, executa-se outro projeto. É preciso entender que o leitor de Geovani Martins pode também ser outro; logo, o exercício de recepção precisa ser outro.

Parece haver nos contos, ainda, pequenos anzóis que fisgam o leitor atento a essa torção generalizada de parâmetros. Em “O cego”, lê-se: “A experiência de repetir dia após dia sua própria história foi se tornando cada vez mais dolorosa, e viver da caridade passou a ser um inferno” (*ibid.*, p. 88). Assim, encontrar leituras que colocam em evidência o caráter “invisibilizado” e “marginalizado” (ROCHA, 2019, p. 56) da literatura de Geovani Martins é lamentar a fuga de uma percepção anterior, e essencial, sobre aquilo que seus contos movem: tem-se, em *O sol na cabeça*, outra língua; tem-se outra cena.

REFERÊNCIAS

BOTTON, André Natã Mello. “A representação da favela nos contos de *O sol na cabeça*, de Geovani Martins”. *Anais do Congresso Internacional da Abralic 2018*. Uberlândia-MG, p. 3896-3909, jul./ago. 2018.

CADILHE, Alexandre José. “Uma conversa de homem pra homem, ele disse’: performances de masculinidades em narrativas cariocas ficcionais”. *Revell*. Campo Grande-MS, v. 2, n. 1, p. 37-59, ago. 2018.

EUGÊNIO, Felipe. “Territorialização de intelectuais: a formação (e a “combustão”) de escritores nas periferias de centros urbanos”. *Anais do VI Congresso em Desenvolvimento Social*, Montes Claros-MG, p. 921-931, ago. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. “A cenografia”. In_____. *O contexto da obra literária*. Trad. Mariana Appenzeller. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 121-136.

MARTINS, Geovani. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MENDONÇA, Heloísa. "Viver com 413 reais ao mês, a realidade de metade do Brasil". *El País*. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/30/economia/1572454880_959970.html>. 04 nov. 2019.

PRATA, Antonio. Orelha do livro. In MARTINS, Geovani. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROCHA, Ana Angelita da. "Corpo-território como argumento curricular de resistência". *Revista Teias*, v. 20, n. 59, p. 56-71, 20 dez. 2019.

Recebido em: 25/02/2020

Aceito em: 04/06/2020